



**A construção ontológica do campo da Educação Ambiental: 30 questões  
fundamentais ao debate**

Andréa Macedônio Carvalho<sup>1</sup>

Daniele Saheb<sup>2</sup>

Marília Andrade Torales-Campos<sup>3</sup>

**Resumo:** Elaborar perguntas bem estruturadas e coerentes é fundamental quando se pensa em metodologia e objetivos de pesquisa. O objetivo deste artigo foi o de discutir as inquietações formuladas por doze pesquisadores do campo da Educação Ambiental, entrevistados por Arias-Ortega (2013), e colocá-las em forma de perguntas. As indagações resultaram em um conjunto de 30 questões provocadoras que demandam aprofundamento teórico e olhar crítico para compreender suas origens e os argumentos dos entrevistados. Organizadas em quatro categorias, as perguntas foram elaboradas em um contexto de reflexão sobre a constituição ontológica do campo da Educação Ambiental e estimulam reflexões mais aprofundadas sobre questões fundamentais, como o resgate de conceitos básicos, a ponderação sobre metas e caminhos a serem tomados, a identificação de conquistas e a consideração de novas estratégias para o campo.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Fundamentos da Educação; Ontologia.

**The ontological construction of the field of Environmental Education: 30  
fundamental issues to debate**

**Abstract:** Elaborating well structured and coherent questions is fundamental when thinking about methodology and research objectives. The objective of this article was to discuss the concerns raised by twelve researchers from the field of Environmental Education, interviewed by Arias-Ortega (2013), and put them in the form of questions. The inquiries resulted in a set of 30

<sup>1</sup> Pedagoga e Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. E-mail: [andrea.macedonio.carvalho@gmail.com](mailto:andrea.macedonio.carvalho@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Titular do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-PR. Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Prática de Ensino - Mestrado Profissional - da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2013) e mestre em Educação, também pela Universidade Federal do Paraná (2008). E-mail: [danisaheb@yahoo.com.br](mailto:danisaheb@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Professora Associada do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, doutora em Ciências da Educação (Programa Interuniversitário em Educação Ambiental) pela Universidade de Santiago de Compostela-Espanha (2006) e mestre em Educação Ambiental (2001) pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: [mariliat.ufpr@gmail.com](mailto:mariliat.ufpr@gmail.com)

provocative questions that demand theoretical deepening and a critical look to understand their origins and the interviewees' arguments. Organized in four categories, the questions were elaborated in a context of reflection on the ontological constitution of the field of Environmental Education and stimulate more in-depth reflections on fundamental questions, such as the rescue of basic concepts, consideration of goals and paths to be taken, identification of achievements and consideration of new strategies for the field.

**Keywords:** Environmental Education; Fundamentals of Education; Ontology.

### **La construcción ontológica del campo de la Educación Ambiental: 30 cuestiones fundamentales al debate**

**Resumen:** Elaborar preguntas bien estructuradas y coherentes es fundamental cuando se piensa en metodología y objetivos de investigación. El objetivo de este artículo fue el de discutir las inquietudes formuladas por doce investigadores del campo de la Educación Ambiental, entrevistados por Arias-Ortega (2013), y colocarlas en forma de preguntas. Las indagaciones resultaron en un conjunto de 30 cuestiones provocadoras que demandan profundización teórica y mirada crítica para comprender sus orígenes y los argumentos de los entrevistados. Organizadas en cuatro categorías, las preguntas fueron elaboradas en un contexto de reflexión sobre la constitución ontológica del campo de la Educación Ambiental y estimulan reflexiones más profundas sobre cuestiones fundamentales, como el rescate de conceptos básicos, la ponderación sobre metas y caminos a ser tomados, identificación de conquistas y la consideración de nuevas estrategias para el campo.

**Palabras clave:** Educación Ambiental; Fundamentos de la Educación; Ontología.

## **INTRODUÇÃO**

O termo 'Educação Ambiental' foi utilizado pela primeira vez em 1965 em um evento de educação na Universidade de Keele, no Reino Unido, mas suas definições e sua projeção mundial tiveram contornos mais bem definidos principalmente a partir de 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, em Estocolmo (LOUREIRO, 2012). Ao longo destes mais de cinquenta anos de história, diversos eventos internacionais debateram sobre a necessidade e as finalidades da Educação Ambiental frente aos problemas ambientais – e sociais – que se tornaram mais intensos a partir do século XIX. Pesquisadores e representantes de diversos países vêm discutindo, desde então, sobre as bases teóricas, finalidades e as estratégias do campo na busca por alternativas mais sustentáveis de sociedades.

Segundo Layrargues e Lima (2014, p. 25), o campo da Educação Ambiental

é composto por uma diversidade de atores e instituições sociais que compartilham um núcleo de valores e normas comuns. Contudo, tais atores também se diferenciam em suas concepções sobre a questão

ambiental e nas propostas políticas, pedagógicas e epistemológicas que defendem para abordar os problemas ambientais.

Segundo os autores, estes diferentes atores disputam a hegemonia do campo no sentido de orientá-lo de acordo com suas próprias interpretações da realidade e seus interesses, que variam entre tendências conservadoras ou transformadoras das relações sociais e das relações que a sociedade mantém com o seu ambiente.

A título de ilustração podemos citar, dentre as diversas correntes e tendências existentes na Educação Ambiental, a concepção de Desenvolvimento Sustentável, que entende os problemas ambientais como algo que impede o desenvolvimento das sociedades e a Educação Ambiental, nesse contexto, é uma ferramenta de grande sentido comportamentalista e tecnicista e focada na solução de problemas (LOUREIRO, 2012).

Outra vertente, a da Alfabetização Ecológica, por exemplo, discutida por Capra (1990), entende que a compreensão dos princípios de organização que os ecossistemas desenvolveram para manter a teia da vida deve ser o primeiro passo no esforço de se construir comunidades sustentáveis, e a Educação Ambiental tem o papel fundamental de ensinar os princípios básicos da Ecologia e de como viver de acordo com eles.

A perspectiva Crítica, por outro lado, baseia-se no pensamento crítico-marxista e entende que o cerne do problema está na intensificação da destruição da natureza no processo de expansão da sociedade produtora de mercadorias e na universalização desta forma de sociedade. Sendo assim, a característica básica da Educação Ambiental dentro desta perspectiva, segundo Loureiro (2015, pp. 161-162), é “colocar racionalmente sob questão toda verdade socialmente apresentada, afirmada e legitimada e refutar todo e qualquer pensamento que dissocia sociedade de natureza” e a “negação teórico-prática e a superação dialética das relações alienadas inerentes ao modo de produção capitalista”.

Ainda como exemplo, a teoria da Complexidade Ambiental, originária da Teoria da Complexidade de Edgar Morin, compreende que

a complexidade ambiental implica uma revolução do pensamento, uma mudança de mentalidade, uma transformação do conhecimento e das práticas educativas, para se construir um novo saber, uma nova racionalidade que orientem a construção de um mundo de sustentabilidade, de equidade, de democracia (LEFF, 2014, p. 196).

É possível vislumbrar, apenas com os exemplos citados acima, que o campo da Educação Ambiental está em constante busca de construção de novas explicações,

significados e leituras, e de melhores compreensões de seus processos e de produção de conhecimento (ARIAS-ORTEGA, 2013).

No entanto, e apesar das diferentes tendências que se manifestam no campo, estas não devem ser vistas como um esquema binário ou dicotômico, mas como expressões de uma multiplicidade de posições. Para Layrargues e Lima (2014), a Educação Ambiental, inclusive, pode ser considerada como um Campo Social, no sentido bourdieano, pois é possível perceber, dentro do grupo social que atua na área, normas, valores, interesses, sistemas simbólicos e objetivos que o orienta.

É razoável concluir, e como o seria em qualquer outro campo, que a Educação Ambiental ainda apresenta diversos desafios pela frente, a julgar pelo contínuo agravamento dos problemas ambientais e sociais no planeta, além do surgimento de tantos outros, inéditos. Mesmo com divergências e convergências dentro do campo, há questões que são consideradas fundamentais em quaisquer que sejam as tendências e correntes que se adote.

Dentro deste contexto, faz-se necessário indagar que desafios são estes que ainda se apresentam ao campo. Elaborar perguntas que se deseja responder, além de fundamental, contribui para definir alguns pontos de partida, no sentido de guiar esforços de pesquisa e de reflexão nas áreas mais relevantes do campo, bem como nas buscas pela sua ampliação teórica, prática e metodológica. É um exercício significativo para se avaliar o atual estado da arte do campo e onde se encontram seus maiores desafios.

Perguntas nos ajudam a identificar áreas de pesquisa que têm potencial para contribuir significativamente com o avanço da ciência do campo, afinal “toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta” (MINAYO, 2001, p. 18). Além disso, as perguntas podem ser particularmente valiosas no sentido de balizar futuras avaliações do progresso das pesquisas e ações em Educação Ambiental.

Perguntas aparentemente simples, como *o que conseguimos até agora?*, são muitas vezes desprezadas ou privadas de uma reflexão mais profunda por parecerem demasiado elementares, dentro de um contexto tão urgente e dinâmico como é o das questões ambientais. No entanto “questionar e refletir sobre aquilo que na aparência é muito evidente é um exercício indispensável ao educador” (LOUREIRO, 2012, p. 84).

Ao formularmos perguntas ao campo, estamos construindo sua problematização (MINAYO, 2001). Além disso, como educadores ambientais, e acima de tudo como

educadores, é importante que façamos, mesmo que repetidamente, as mesmas perguntas, pois como nos relembra Carvalho (2012, pp. 77-78):

Sempre podemos repensar, reinterpretar o que vemos e o que nos afeta à luz de novas considerações, do diálogo com nossos interlocutores, de novas percepções e sentimentos das experiências acumuladas ao longo de nossa trajetória de vida.

O discurso predominante da nossa atual ‘sociedade do conhecimento’ difunde a ideia de um progresso intelectual e de generalização do conhecimento graças à globalização e às revoluções tecnológicas. As qualidades essenciais ao indivíduo desta sociedade, portanto, são, segundo Hostins (2003, p. 352) “a flexibilidade, a inteligência técnica, a rapidez e a fluidez na busca da informação sempre disponível e, acima de tudo, a capacidade de transformar esse conhecimento em mercadoria de fácil circulação e comercialização”.

Os contextos educacional e científico não passam imunes a estas supostas demandas contemporâneas e, ainda segundo Hostins (Idem), observa-se um empobrecimento gradativo da teoria nas pesquisas educacionais que pode resultar na desqualificação do conhecimento produzido, inclusive restringindo e até anulando o avanço científico, além de impedir posteriores análises sobre as condições nas quais esse conhecimento foi produzido. O resultado deste contexto pragmático leva a uma utilidade instrumental e a uma interdição da ontologia ao campo de produção de conhecimento que gera uma falsa consciência e a aquisição de um pseudoconhecimento, muitas vezes raso e idealista. Para a autora, o descuido com a ontologia e a epistemologia em pesquisas sociais, além de tudo, pode resultar em uma “construção abstrata de hipóteses autoconfirmadoras que dispensam o controle empírico” (HOSTINS, 2003, p. 352).

Toda produção de conhecimento, principalmente do campo social – e nele se inclui a Educação e, portanto, a Educação Ambiental – necessita de sóbria reflexão ontológica sob pena de as pesquisas qualitativas da área voltarem a ser consideradas, como há 50 anos o eram, simples exercícios especulativos, sem valor para a ciência (TRIVINÓS, 1987). Uma reflexão sobre o campo da Educação Ambiental, portanto, significa necessariamente partir de uma reflexão *ontológica* sobre o campo, no sentido de se resgatar e se estudar a fundo as propriedades que permitem a Educação Ambiental ser o que ela é e, a partir daí, navegar pelos caminhos subsequentes, como epistemologias, metodologias etc.

Em consonância com esta reflexão e a partir da leitura e revisão de recentes estudos sobre as condições do meio ambiente que explicitam a crescente degradação ambiental a

nível mundial, regional e nacional, Arias-Ortega (2013), em seu livro *A Construção do Campo da Educação Ambiental: análises, biografia e futuros possíveis*, entrevistou doze pesquisadores da Educação Ambiental com larga experiência no campo com o intuito de compreender melhor quais eram suas análises e visões sobre o campo, sobre a conjuntura geral e sobre o futuro dos processos educativos vinculados ao meio ambiente. Para isso, elaborou cinco perguntas, dentre as quais constava a que nos interessa no contexto deste trabalho: “quais são as perguntas que poderíamos formular no campo da Educação Ambiental hoje em dia?” (Ibidem, p. 16).

As entrevistas foram realizadas de março a setembro de 2011 e o autor afirma que não foi sua pretensão colocar os doze entrevistados como os únicos porta-vozes da Educação Ambiental. Os entrevistados foram selecionados por Arias-Ortega a partir de critérios arbitrários, segundo ele, que selecionou pessoas com trajetórias relacionadas à Educação Ambiental em diferentes contextos, principalmente o ibero-americano e o canadense, pelo amplo reconhecimento de seus trabalhos e relevância de suas ideias. Por outro lado, Arias-Ortega, por sua experiência e engajamento ao campo da Educação Ambiental, possuía um vínculo profissional e pessoal com os entrevistados, o que favoreceu a colaboração ao projeto do livro.

Apresentamos a seguir os doze pesquisadores entrevistados e uma síntese de seus perfis e lugares de contribuição ao campo da Educação Ambiental:

- Alicia de Alba Ceballos, pesquisadora do Instituto de Pesquisas sobre a Universidade e a Educação, da Universidade Nacional Autônoma do México;
- Edgar González Gaudiano, pesquisador do Instituto de Pesquisas em Educação, da Universidade Veracruzana, México;
- Enrique Leff Zimmerman, pesquisador do Instituto de Pesquisas Sociais e professor de pós-graduação da Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidade Autônoma do México;
- Javier Reyes Ruiz, pesquisador do programa de Mestrado em Educação Ambiental da Universidade de Guadalajara, México;
- Rafael Tonatiuh Ramírez Beltrán, professor, pesquisador e coordenador acadêmico da Universidade Pedagógica Nacional, do México;
- Salvador Morelos Ochoa, mestre em Educação Ambiental pela Universidade de Guadalajara, México, trabalhou em diversos cargos da administração pública vinculados à educação e à Educação Ambiental;

- Lucie Sauvé, professora e pesquisadora da Universidade do Quebec em Montreal, no Canadá;
- Javier Benayas del Álamo, professor da Faculdade de Ciências da Universidade Autônoma de Madrid, Espanha, e coordenador do doutorado interuniversitário em Educação Ambiental de nove universidades espanholas;
- José Antonio Caride Gómez, catedrático do Departamento de Teoria da Educação, História da Educação e Pedagogia Social da Faculdade de Ciências da Educação – Campus Vida – da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, e presidente da Sociedade Ibero-americana de Pedagogia Social;
- José Gutiérrez Pérez, professor do Departamento de Métodos de Pesquisa e Diagnóstico em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de Granada, Espanha, e diretor da Secretaria de Avaliação da Qualidade Docente;
- María Novo Villaverde, professora da cátedra “Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável” da UNESCO e da Universidade Nacional de Educação à Distância de Madrid, Espanha, além de diversos cargos de direção e de consultoria na área;
- Pablo Meira Cartea, professor de Educação Ambiental da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, e presidente da Sociedade Galega de Educação Ambiental.

Assim posto, o objetivo deste trabalho foi o de elaborar uma lista sintética com as perguntas fundamentais ao campo da Educação Ambiental hoje, formuladas a partir das experiências e reflexões dos doze entrevistados por Arias-Ortega (2013).

## **METODOLOGIA**

Em resposta à pergunta realizada no momento das entrevistas, os participantes discorreram livremente sobre o que consideravam significativo em relação ao campo da Educação Ambiental, tomando como base suas experiências, seu contexto de atuação e sua visão do campo em que atuam. Alguns responderam já em formas de perguntas (novos questionamentos) e outros responderam em forma de tópicos que consideraram relevantes e merecedores de aprofundamento.

Com o intuito de deixar claras as questões que foram elaboradas pelos entrevistados, todos os questionamentos foram colocados em formato de pergunta, e os que já estavam neste formato foram mantidos. Por exemplo, quando Sauvé afirma que “nosso

grande desafio é no nível da introdução da Educação Ambiental nas políticas públicas” (ARIAS-ORTEGA, 2013, p. 87), a pergunta que se evidencia desta afirmativa é: “como introduzir a Educação Ambiental nas políticas públicas?”. Além disso, questionamentos similares que foram levantados por mais de um entrevistado foram condensados em uma mesma pergunta. Por exemplo, a pergunta “o que fizemos até agora com a Educação Ambiental?” foi levantada por Alba-Ceballos (Ibidem, p. 30) e também por Gutiérrez-Pérez (Ibidem, p. 106).

Após este exercício, ficou estabelecido um total de trinta perguntas elaboradas pelos doze entrevistados e consideradas por eles como questionamentos fundamentais ao campo da Educação Ambiental hoje. A partir de uma avaliação crítica de todas as perguntas, foram elaboradas quatro categorias para classificar as questões de acordo com a temática a que elas se aproximavam e, assim, possibilitar uma visão mais panorâmica dos principais eixos que deveriam ser mais explorados dentro do campo, segundo os pesquisadores entrevistados.

A primeira categoria, definida como *Reflexões Teóricas*, reúne as questões que fazem referência ao entendimento de conceitos-base para se pensar a Educação Ambiental, como o próprio entendimento do conceito de educação dentro do contexto da Educação Ambiental, por exemplo.

Segundo Layrargues (2012), é fundamental e necessário se revisitar periodicamente o quadro conceitual classificador das correntes de pensamento político-pedagógico na Educação Ambiental, “com o intuito de revisá-lo e atualizá-lo em função de sua dinâmica que lhe é intrínseca, no contínuo processo de amadurecimento” (p. 401). Ademais, levantar questões deste cunho permite que façamos uma “abordagem introspectiva no campo da educação ambiental, a fim de enriquecer os fundamentos teóricos desta dimensão” (SAUVÉ, 2016, p. 293).

A segunda categoria, chamada de *Propósitos*, agrupa as perguntas relacionadas aos objetivos fundamentais da Educação Ambiental, aos lugares aonde se quer chegar, aos temas que devemos focar e às prioridades do campo. Para Sauvé (Ibidem, p. 292), devemos conceber a Educação Ambiental para além de uma educação ‘com o objetivo de, na, em, para ou pelo’ meio ambiente, pois, em sua concepção, o objeto da Educação Ambiental é essencialmente nossa relação com o meio ambiente. A mesma autora, no entanto, afirma que

(...) a educação ambiental faz um chamado à criatividade, incita imaginar o mundo de outro modo. Ela estimula a emergência de projetos inovadores em matéria de alimentação, de energia, de gerenciamento, de habitação, de lazer... em todos os setores de nossas vidas. Ela valoriza as práticas antigas também ou aquelas culturas “marginais” ou marginalizadas. A inovação não é uma corrida precipitada ou uma fuga para outro lugar. Ela pode também restaurar e reabilitar. Neste sentido, a educação ambiental pode acompanhar e valorizar as iniciativas socioecológicas transformadoras. Um de seus papéis importantes é o de celebrar o “devir” que nos encoraja a continuar, celebrar os projetos e as realizações que nutrem a esperança, e também celebrar a inventividade e a coragem para fazer o contrário, para viver de forma diferente, para se religar de outro modo (Ibidem, pp. 295).

E é nesse sentido, o de estimular a emergência de projetos inovadores, de encorajar a continuidade, de celebrar a inventividade e de se pensar onde se quer chegar, que se justificam as inquietações sobre os *propósitos* do campo da Educação Ambiental.

A terceira categoria, intitulada *Avaliação*, diz respeito às perguntas que sintetizam os esforços realizados no campo até então com o objetivo de se compreender claramente o que foi conquistado de fato, para quê serviram estas conquistas, o que foi feito de errado e o que ainda resta fazer.

Diversos documentos e leis concernentes à Educação Ambiental fazem referência à avaliação como uma questão fundamental para o desenvolvimento de ações dentro do campo (CONFERÊNCIA DE BELGRADO, 1975; UNESCO-PNUMA, 1978; BRASIL, 1999; BRASIL, 2012). Gadotti (2003), no entanto, afirma que o processo de avaliação não pode ser reduzido apenas a técnicas, deve fazer parte da permanente reflexão sobre a atividade humana, reforçando a importância de se fazer perguntas para guiar essa reflexão na avaliação de aspectos específicos do campo.

A quarta e última categoria, nomeada aqui de *Estratégias*, compreende as perguntas que questionam – ou fazem reflexão - as diferentes estratégias e metodologias possíveis ou necessárias ao campo. Segundo Minayo (2001, p. 16) metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Além disso, deve dispor de um instrumental claro, coerente e elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. É fundamental, para tanto, que se faça uma reflexão e que se pontuem esses caminhos que se deseja tomar em direção às práticas futuras.

## **RESULTADOS**

A partir do exercício de levantamento e síntese das questões, foram estabelecidas trinta perguntas, definidas em quatro categorias. As perguntas são aqui apresentadas dentro de suas categorias e com referência ao(s) pesquisador(es) que as levantaram:

### **Categoria 1: Reflexões Teóricas**

1. O que se tem entendido por educação, como conceito, categoria e prática? (Alba-Ceballos)
2. O que se tem entendido por Educação Ambiental? (Alba-Ceballos)
3. Por que as pessoas não mudam suas atitudes sobre questões que lhes exigem poucos esforços? (González-Gaudiano)
4. Como se ensina a pensar complexamente? (Leff-Zimmerman)
5. Como aprendemos a viver com novas lógicas de vida? Precisamos problematizar a filosofia existencial do ser no mundo. (Leff-Zimmerman)
6. De que maneira o campo da Educação Ambiental ajuda a transformar esta situação problemática global e a construir sociedades diferentes? (Morelos-Ochoa)
7. Como conseguir o decrescimento sustentável? (Meira-Cartea)

### **Categoria 2: Propósitos**

8. Onde queremos chegar? Qual é esse lugar? (Alba-Ceballos)
9. Qual deve ser a nova imagem do ser humano? (Reyes-Ruiz)
10. Quais são as prioridades que devemos ter? (Reyes-Ruiz)
11. Que temas devem ser privilegiados nos próximos anos? (Reyes-Ruiz)
12. Por quê? Cada educador deve constantemente se perguntar “o porquê das coisas” para nunca perder de vista seus objetivos. (Morelos-Ochoa)
13. Qual o protagonismo que deve ter a cidadania local-global na construção de uma Educação Ambiental entendida como uma prática cotidiana em si mesma e por si mesma educadora? (Caride-Gómez)

### **Categoria 3: Avaliação**

14. O que fizemos até agora e o que alcançamos hoje com a Educação Ambiental? Precisamos rever esta pergunta sobre outras perspectivas. (Alba-Ceballos e Gutiérrez-Pérez)

15. Quais foram os alcances das propostas de Educação Ambiental no que se refere a conceitos, princípios, objetivos, estratégias? (Caride-Gómez)
16. Para que serviu o que fizemos até agora? (Gutiérrez-Pérez)
17. O que estamos fazendo de errado? (González-Gaudiano)
18. Por que, apesar de ser um campo que tem todos os elementos para ser uma alternativa de uma sociedade distinta, ela não o é? (Ramírez-Beltrán)
19. Até onde conseguiremos resistir para tentar reverter esta situação (pois apesar de nossos grandes esforços somos apenas uma pequena parte do todo)? (Ramírez-Beltrán)
20. O que nos falta fazer? (Gutiérrez-Pérez)

#### **Categoria 4: Estratégias**

21. Como devemos mudar as estratégias pedagógicas? (González-Gaudiano)
22. Como podemos usar melhor as redes sociais para melhorar os processos de comunicação da Educação Ambiental? (González-Gaudiano)
23. Como manter vigente o discurso de transformação em um mundo em que nada é duradouro? (Reyes-Ruiz)
24. Quais são as estratégias para garantir o crescimento da Educação Ambiental? (Reyes-Ruiz)
25. Como introduzir a Educação Ambiental nas políticas públicas e fortalecer a formação de professores? (Sauvé)
26. Qual deveria ser a forma para avançarmos mais rápido (não ficar só no campo das teorias, mas também das práticas)? (Benayas del Álamo)
27. O que devemos fazer e com quem devemos nos aliar e trabalhar mais estritamente para rentabilizar recursos e conseguir melhores resultados? (Gutiérrez-Pérez e Benayas del Álamo)
28. Como fazer formação humana para a ação política para recuperar o protagonismo da humanidade e da natureza em uma sociedade global em crise? (Novo-Villaverde)
29. O que precisamos fazer para transformar a insustentabilidade em sustentabilidade nas sociedades avançadas? (Meira-Cartea)
30. Como podemos convencer a sociedade que se pode viver bem e satisfazer as necessidades de forma digna consumindo menos recursos? (Meira-Cartea)

À primeira categoria, *Reflexões Teóricas*, foram relacionadas sete perguntas (da 1 a 7). À segunda categoria, *Propósitos*, couberam seis perguntas (da 8 a 13). Na terceira categoria, *Avaliação*, sete perguntas foram relacionadas (da 14 a 20), e para a quarta e última categoria, *Estratégias*, dez perguntas foram atribuídas (da 21 a 30).

## DISCUSSÃO

As perguntas formuladas/levantadas não possuem respostas prontas ou objetivas. Para a maioria delas talvez nem haja uma resposta e, no entanto, não deixam de ter um papel fundamental no sentido retórico da indagação, que verdadeiramente não tem como objetivo obter de fato uma resposta, mas sim estimular a reflexão sobre o assunto levantado.

O exercício de pontuar as perguntas fundamentais ajuda a revelar quais são as lacunas do campo e abre possibilidades de investigações e reflexões mais aprofundadas sobre estes hiatos e, inclusive, o porquê de eles existirem. Todos os campos científicos possuem questões que ainda permanecem sem respostas, mas uma reflexão importante de se fazer é a do porquê existirem questões tão fundamentais que em mais de meio século de existência mais expressiva do campo ainda não foram intensamente exploradas ou aprofundadas.

O campo da Educação Ambiental carece de uma perspectiva mais clara de onde se quer chegar e o que se deve priorizar para tal, como ficou demonstrado na categoria *Propósitos*. Para se saber onde se quer chegar, é preciso antes de mais nada saber o que se pensa sobre sociedade, o que se considera justo e melhor para todos e, para isso, é necessário um forte embasamento teórico epistemológico e ontológico no sentido de justificar essas escolhas.

Além disso, refletir sobre as questões levantadas na categoria *Avaliação* é fundamental para trazer novas perspectivas acerca do que tem funcionado até agora dentro do campo e a razão de certas ações e linhas de conduta não terem dado certo. Essa reflexão ajuda a repensar novos propósitos e demanda outras tantas reflexões teóricas também.

O ponto que chamou a atenção no levantamento deste trabalho foi o número relativamente expressivo de perguntas da quarta categoria, sobre estratégias para o campo. Com uma média de 3,5 perguntas a mais que as outras três categorias, as questões revelam uma possível ansiedade do campo em estabelecer de forma mais definitiva ou planejada a forma como serão realizadas futuras ações de Educação Ambiental, partindo das reflexões da categoria anterior, *Avaliação*, a respeito do que tem ou não funcionado dentro do campo

até então. Perguntas como a de González-Gaudiano, a respeito do uso de mídias sociais para melhorar as ações de comunicação dentro do campo, demonstram uma preocupação concernente aos desafios e mudanças globais dos últimos dez anos, visto que antes disso não existiam tais meios.

No entanto o campo ainda carece de reflexões mais profundas acerca de muitos de seus conceitos e princípios, como exposto na primeira categoria, *Reflexões Teóricas*. Uma maior clareza de conceitos-base, como o de educação, é fundamental para se pensar, posteriormente, em *Propósitos e Estratégias*. Como podemos pensar em propósitos para a Educação Ambiental se não nos é clara qual é a concepção de Educação que nos referencia? Por que pouco se fala sobre teorias da Educação dentro do campo da Educação Ambiental?

Talvez uma das explicações seja a de que o campo da Educação Ambiental seja um campo muito suscetível a variáveis, desde a diversidade de atores que entram e saem do campo com frequência, até a subordinação às políticas educacionais e ambientais. Ramírez-Beltrán (ARIAS-ORTEGA, 2013), por exemplo, acredita que o fato de não existir um acordo mínimo sobre aquilo que todo educador ambiental deve saber ou sobre o quê, aonde, como e para quê serve a Educação Ambiental abre espaço para que conceitos fundamentais sobre o campo sejam deixados de lado. Para ele, todos os campos de pesquisa científica são dinâmicos, estão sempre avançando ou refutando teorias, mas falta na Educação Ambiental um rigor científico que caracterize melhor o campo para que não se caia no senso comum que o campo está em construção e, portanto, qualquer coisa é permitida.

Em suas origens, o campo da Educação Ambiental esteve muito vinculado às ciências naturais, aos estudos ecológicos e pragmáticos em vistas a resolver problemas ambientais de forma pontual. Na medida em que se foi compreendendo que os problemas ambientais não acontecem de forma isolada e estão intimamente ligados às relações sociais e às ciências humanas, o campo tomou novos rumos investigativos que necessitam de bases teóricas e históricas bem consolidadas se se busca uma compreensão profunda da origem dos problemas e a elaboração de propostas de ações futuras. O campo adquiriu uma complexidade muito maior, e estabelecer quais são as questões prioritárias de aprofundamento é definitivamente uma tarefa exigente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi o de compilar uma lista com trinta perguntas consideradas fundamentais ao campo da Educação Ambiental. Foi possível perceber, na tessitura resultante das inquietações do autor do livro que nos serviu de referência, que as perguntas não giram em torno apenas de questões teóricas, mas também dos propósitos aos quais a Educação Ambiental hoje se coloca, às novas ações estratégicas e metodológicas necessárias ao campo e à necessidade de se recapitular as conquistas e avanços do campo com um propósito avaliativo.

As perguntas não foram elaboradas com o intuito de obterem respostas objetivas, mas sim de estimular reflexões mais aprofundadas sobre questões fundamentais do campo, como o resgate de conceitos básicos – mas não necessariamente simples -, a ponderação sobre metas e caminhos, a identificação de conquistas e a consideração de novas formas de se fazer acontecer a Educação Ambiental.

A intenção desta lista não é a de que seja definitiva ou que as questões ao campo da Educação Ambiental se esgotem nela, visto que foi extraída de um contexto de pesquisadores relativamente pequeno e circunscrito em determinados espaços de atuação, mas sim que estimule maiores discussões e novas possibilidades de pesquisa e de ação no campo, principalmente através do seu resgate ontológico, fundamental como ponto de partida para as subsequentes reflexões e para a contínua qualificação das pesquisas qualitativas e do campo social.

Desde a nossa perspectiva, consideramos que seria interessante repetir este exercício dentro de cinco ou dez anos para monitorar os avanços dentro do campo, no sentido de observar se novos questionamentos surgiram – e quais são eles - ou se ainda serão os mesmos a perseguir a ontologia do campo.

## REFERÊNCIAS

ARIAS-ORTEGA, Miguel Ángel. **La construcción del campo de la educación ambiental: análisis, biografías y futuros posibles**. Guadalajara: Editorial Universitária, 2013.

BRASIL. Lei nº. 9.795, de 27 de abril de 1999. **Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA)**.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**.

CAPRA, Fritjof. Alfabetização Ecológica: o desafio para a educação do século 21. In: **Nosso futuro comum - o Relatório Brundtland**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel. **Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Brasília: MEC/UNESCO, 2006.

CONFERÊNCIA DE BELGRADO, 1975, Sérvia. **Carta de Belgrado**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/informma/item/8066-carta-de-belgrado>>. Acesso em: 21 de junho de 2018.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

HOSTINS, Regina Célia Linhares. Dilemas da produção científica na “sociedade do conhecimento”: o colapso da realidade no empírico e a interdição da ontologia. **Perspectiva**, v. 21, n. 2, p. 351-369, jul./dez. 2003.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **As Macrotendências Político-Pedagógicas da Educação Ambiental Brasileira**. *Ambiente & Sociedade*, v. 17, n.1, p. 23-40, jan./mar. 2014.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Para onde vai a Educação Ambiental? O cenário político-ideológico da Educação Ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica**. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 7, n. 14, p. 398-421, ago./dez. 2012.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2014.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação Ambiental e Epistemologia Crítica**. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* v. 32, n.2, p. 159-176, jul./dez. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SAUVÉ, Lucie. **Viver juntos em nossa Terra: desafios contemporâneos da educação ambiental**. *Revista Contrapontos – Eletrônica*, v. 16, n. 2, mai./ago. 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas S.A., 1987.

UNESCO-PNUMA. **Declaração e Recomendações da Conferência Internacional de Tbilisi –1977**. Relatório Final da Conferência de Tbilisi, Tbilisi, URSS. 1978.

*Submetido em: 15-08-2018.*

*Publicado em: 31-08-2018.*